

Pobreza no Brasil??? Onde? Como? Quantos?

Na Grande SP, a pobreza extrema cresce 35% em um ano

“Bruno Villas Bôas e Ligia Guimarães – Na favela de Paraisópolis, a poucos metros do conforto das casas, prédios e restaurantes do Morumbi, bairro da zona sul de São Paulo, os R\$ 121 mensais do Bolsa Família são tudo que Rosana Aparecida Ramos, 46 anos, tem para passar o mês. Sempre que chega o dinheiro do benefício, ela sabe que precisará fazer escolhas. “Deixo de pagar alguma conta. Compro arroz, feijão e uma cartela de ovos para o mês.”

Para comer, Rosana precisa também pagar R\$ 68 no botijão de gás, que dura cerca de um mês e meio. Os R\$ 53 restantes não chegam nem perto de fechar a conta das despesas básicas: comida, água, luz (mais ou menos R\$ 40), produtos de higiene e transporte para os tratamentos de saúde que realiza em outras regiões da cidade. Ela não consegue trabalho como cuidadora ou doméstica há pelo menos quatro anos, desde que a idosa de quem cuidava morreu, e a saúde piorou. “Coloquei cateter e estou aguardando uma cirurgia. O médico falou que não posso fazer esforço”, diz.

Vera Lucia da Silva, 40 anos e que mora em uma casa de dois cômodos com seis filhos, sobrevive com R\$ 230 do Bolsa Família e diz que, na vizinhança, a situação é cada vez mais comum. “Tem gente em situação pior que a nossa, que não tem o que comer dentro de casa, mas tem vergonha de falar. Muito difícil mesmo”, diz.

Maior polo de riqueza do país, a região metropolitana de São Paulo, que concentra 39 municípios, tem 700.193 pessoas vivendo na pobreza extrema, número 35% maior do que era em 2016. São 180 mil pessoas a mais, mostra análise da LCA Consultores a partir de dados recentemente divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para chegar aos resultados, a consultoria adotou a linha de corte do Banco Mundial, que considera em situação de pobreza extrema quem tem US\$ 1,90 de renda domiciliar per capita por dia (corrigida pela paridade de poder de compra). Esse valor era equivalente a R\$ 133 mensais em 2016, de acordo com o IBGE. Em 2017, era de R\$ 136, conforme cálculo da LCA. O IBGE deve divulgar números oficiais neste ano, por meio da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais.

Segundo Cosmo Donato, economista da LCA Consultores e autor do levantamento, o crescimento da pobreza extrema ocorre apesar da redução da taxa de desemprego na Grande São Paulo, para 14,2% no quarto trimestre do ano passado, 0,7 ponto percentual abaixo da verificada um ano antes. Para ele, além de informais, esses empregos não beneficiaram a parcela mais pobre da população.

“Estamos falando de pessoas que muitas vezes não conseguem se inserir nem na informalidade. É um problema mais estrutural. São pessoas com baixa qualificação, produtividade, e que conseguiram emprego no passado, porque havia superaquecimento do mercado de trabalho. É um dado que não melhora com a recuperação cíclica do mercado de trabalho, vai exigir políticas sociais”, disse Donato. - continua leia mais...

(Fonte: <http://controversia.com.br/7928>, data de acesso: 14/03/2019)

No Brasil, 15,2 milhões vivem abaixo da linha da extrema pobreza, diz IBGE

Instituto pesquisou mercado de trabalho, educação, moradia e distribuição de renda para ter um retrato da qualidade de vida dos brasileiros e confirmou que a pobreza cresceu.

05/12/2018 21h37 Atualizado há 3 meses

No Brasil, 15,2 milhões vivem abaixo da linha da extrema pobreza, diz IBGE

O IBGE identificou uma consequência triste da crise econômica de que o Brasil tenta se livrar há quatro anos. Em 2017, aumentou o número de cidadãos em situação de pobreza e de extrema pobreza.

Elas acordam todos os dias às 4h para chegar ao trabalho. Sandra e Cida já foram domésticas, mas com a crise perderam os empregos. Agora, o sustento vem do que a sociedade não quer mais.

A recicladora Sandra Marques cuida sozinha de quatro filhos com o que ganha na cooperativa de reciclagem.

“R\$ 310. Pensa bem”.

Maria Aparecida Fortunado, a Cida, outra recicladora, também têm filhos pequenos: três.

“Para tirar um dinheiro bom tem que ralar muito, tem que pedir muito a Deus para vir um material bom”.

As vidas de Sandra, Cida e de milhões de brasileiros de todas as regiões do país estão - de alguma forma - em 150 páginas. O IBGE pesquisou mercado de trabalho, educação, moradia e distribuição de renda para fazer uma espécie de fotografia da qualidade de vida dos brasileiros e confirmou o que a gente já vê por aí: o Brasil ainda é um país profundamente desigual e a pobreza cresceu.

No cálculo, o IBGE utiliza a linha proposta pelo Banco Mundial, que considera pobre quem tem rendimento de até US\$ 5,50 por dia - em 2017, R\$ 406 por mês.

Entre 2016 e 2017, a proporção de pessoas pobres no Brasil subiu de 25,7% para 26,5% da população, um aumento de dois milhões. Agora, são quase 55 milhões de brasileiros passando por todo tipo de privação.

Quando a gente concentra o olhar nas regiões, fica claro que o Sul tem o menor índice. Mas as regiões Norte e Nordeste têm mais de 40% da população vivendo com, no máximo, R\$ 406 por mês.

No Piauí, dona Francisca mora numa casa com mais quatro parentes. O sonho dela é tão simples: ter um banheiro.

“Os meninos vão pro mato. E eu compro aquelas sacolinhas velhas de lixo. Aí faço. É o jeito. Se eu tivesse condição, eu já tinha o meu banheiro completo”.

Mas dentro do grupo de quase 55 milhões de pobres, há uma parcela de 15,2 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da extrema pobreza. A renda é inferior a US\$ 1,90 por dia. Em 2017, o equivalente a R\$ 140 por mês.

De um ano para outro o índice passou de 6,6% para 7,4% da população.

O IBGE também fez um outro cálculo: o Brasil precisaria gastar R\$ 10,2 bilhões por mês para erradicar a pobreza e R\$ 1,2 bilhão para acabar com a extrema pobreza.

“Durante esse período de crise econômica a gente viu um aumento da taxa de desemprego, assim como também o aumento da informalidade. Isso tudo combinado deve ter explicado uma boa parte desse aumento de pobreza que a gente observou aí entre estes dois anos”, disse Miguel Nathan Foguel, pesquisador do Ipea.

No Brasil, a pobreza expõe a concentração de riqueza. Os 10% mais ricos acumulam 43% do total de recursos. Na outra ponta, os 40% mais pobres detêm apenas 12% do total. Os pretos e os pardos são maioria nesse grupo.

Na contabilidade do impossível, a Sandra dá a receita para continuar vivendo.

“Eu envergo, mas não quebrou. Estou aqui firme e forte. Guerreiríssima”.

(Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/05/no-brasil-152-milhoes-vivem-abaixo-da-linha-da-extrema-pobreza-diz-ibge.ghtml>, data de acesso: 14/03/2019)

Pobreza extrema cresce em 25 estados brasileiros, aponta estudo

Nordeste foi a região do país que mais sofreu com o aumento da miséria entre 2014 e 2017, concluiu levantamento da Tendências.

Por Taís Laporta, G1

10/10/2018 07h00 Atualizado há 5 meses

O percentual de famílias que vivem em extrema pobreza aumentou em quase todos os estados do Brasil nos últimos quatro anos, em especial no Nordeste, apontou um estudo feito pela Tendências Consultoria.

A condição de extrema pobreza atinge pessoas com renda familiar per capita de até R\$ 85 por mês, segundo a medição do governo.

Crescimento da miséria

Variação do percentual de famílias abaixo da linha de pobreza, entre 2014 e 2017:

Fonte: Tendências

Na média nacional, a miséria subiu para 4,8% da população em 2017, contra 3,2% em 2014. Nestes quatro anos, ela só não aumentou em dois dos 27 estados brasileiros, Tocantins e Paraíba.

Adriano Pitoli, diretor da Tendências, aponta uma forte correlação entre a crise econômica e a evolução da pobreza. “Não surpreende que os estados que mais sofreram com a recessão foram os que tiveram maior piora na pobreza extrema”, afirma.

Piora acentuada no Nordeste

No Nordeste e em parte do Norte, a situação é particularmente pior que em outras regiões, mostrou o levantamento da Tendências. Sete estados nordestinos tiveram uma piora da situação.

Bahia, Sergipe, Piauí foram os estados da região com o maior crescimento da pobreza extrema. No Maranhão, ela chegou a 12% em 2017, o pior resultado do país.

O Acre foi o estado que mais teve um aumento da pobreza extrema entre 2014 e 2017, de 5,6%. Enquanto isso, estados do Sul e Sudeste estão entre os menos prejudicados pela crise, apesar da piora generalizada.

Segundo Pitoli, a maior parte dos estados da região Nordeste passou por um “efeito ressaca” que levou a região a sofrer de forma mais intensa os efeitos da recessão econômica.

“O Nordeste era um destaque positivo de renda e consumo nos anos anteriores à crise, com peso grande de aposentadorias, do Bolsa Família e da folha de pagamento de servidores. Regiões mais dependentes dessa transferência de renda sofreram mais”, analisa o diretor da Tendências.

Pitoli aponta que, mesmo sem cortes de benefícios e programas sociais, a redução de gastos públicos afetou os projetos de investimento do governo e pegou em cheio a região.

“As mesmas razões que deram destaque à região nos anos anteriores levaram a uma piora maior na crise”.

O estudo ainda não levantou os dados de 2018, mas a expectativa, segundo Pitoli, é de uma melhora muito discreta na taxa de extrema pobreza no país, devido à lenta recuperação da economia.

(Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/10/pobreza-extrema-cresce-em-25-estados-brasileiros-aponta-estudo.ghtml>, data de acesso: 14/03/2019)

Pobreza cresce e atinge 55 milhões de pessoas no Brasil

De acordo com definição do banco mundial, são pessoas com rendimento de até US\$5,5 por dia ou R\$406 por mês

Por Da redação, com agências

Publicado em 5 dez 2018, 10h38

Número de pessoas na faixa de extrema pobreza no Brasil aumentou de 6,6%, para 15,2 milhões (Nacho Doce/Reuters)

O número de pessoas **pobres** no Brasil cresceu de 2016 para 2017 e agora atinge 54,8 milhões de brasileiros. No ano retrasado, essa taxa era de 52,8 milhões.

De acordo com definição do Banco Mundial, essas são pessoas com rendimento de até US\$ 5,5 por dia ou R\$ 406 por mês. A maior parte, mais de 25 milhões, estava na Região Nordeste.

Os dados fazem parte da Síntese dos Indicadores Sociais 2018, divulgada hoje (5) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que entende o estudo como “um conjunto de informações sobre a realidade social do país”.

O trabalho elaborado por pesquisadores da instituição tem como principal fonte de dados para a construção dos indicadores a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2012 a 2017.

O estudo mostra ainda que também aumentou a proporção de pessoas na faixa de extrema **pobreza** no Brasil aumentou de 6,6% da população em 2016 para 7,4% em 2017, ao passar de 13,5 milhões para 15,2 milhões.

De acordo com definição do Banco Mundial, são pessoas com renda inferior a US\$ 1,90 por dia ou R\$ 140 por mês. Segundo o IBGE, o crescimento do percentual nessa faixa subiu em todo o país, com exceção da Região Norte onde ficou estável.

Houve elevação ainda na proporção de crianças e adolescentes (de 0 a 14 anos) que viviam com rendimentos até US\$ 5,5 por dia. Saiu de 42,9% para 43,4%, no período.

Condições de vida

A pesquisa identificou que em 2017 cerca de 27 milhões de pessoas, ou seja, 13% da população, viviam em domicílios com ao menos uma das quatro inadequações analisadas: características físicas, condição de ocupação, acesso a serviços e presença de bens no domicílio.

A inadequação domiciliar foi a que atingiu o maior número de pessoas: 12,2 milhões, ou 5,9% da população do país. Isso significa adensamento excessivo, quando há residência com mais de três moradores por dormitório.

No Amapá o nível atingiu 18,5%, enquanto em Santa Catarina ficou em 1,6%. No mesmo ano, 10% da população do país viviam em domicílios sem coleta direta ou indireta de lixo e 15,1% moravam em residências sem abastecimento de água por rede geral.

O Maranhão foi o estado que registrou a maior falta de coleta de lixo: 32,7% da população não tinha acesso ao serviço.

Ainda na ausência de melhores condições, o estado do Acre é o que registrou maior percentual (18,3%) de pessoas residentes em domicílios sem banheiro de uso exclusivo. Já o Piauí, tinha a maior proporção da população sem acesso a esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial (91,7%).

Esses resultados mostram uma diferença grande para o estado de São Paulo, onde houve a maior cobertura para cada um dos serviços. A proporção da população sem coleta de lixo ficou em 1,2%, sem acesso a abastecimento de água por rede alcançou 3,6% e sem esgotamento sanitário por rede foi 7,0%.

(Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/extrema-pobreza-no-brasil-aumenta-e-chega-a-152-milhoes-de-pessoas/>, data de acesso: 14/03/2019)